

FOLHA DA JUCISTA

J. U. C. F.

Filiada na «PAX ROMANA»



A VOZ DA IGREJA

Não se põe em dúvida, para quem considera a Universidade uma comunidade de mestres e estudantes consagrados aos labores do espirito, que a sua missão consiste em ser um foco irradiante de vida intelectual para benefício da comunidade nacional, naquela atmosfera de sã liberdade, propícia a toda a cultura. Tarefa contínua, na qual os Nossos filhos têm colaborado incessantemente.

Contudo, se a Universidade quiser fazer frutificar em proveito das novas gerações o tesouro secular de que é depositária, deve estar atenta às condições particulares da vida contemporânea. Não é verdade que chegou o momento, em que, em grande número de países, extensas camadas da população aspiram a participar de uma cultura autêntica? em que as dificuldades económicas e sociais da vida académica e profissional apresentam graves problemas aos responsáveis pela grei? O momento, em que os modernos meios de informação alargam incessantemente a sua influência, por vezes em detrimento de uma verdadeira educação do pensamento pessoal?

Se ampliarmos as perspectivas, eis que uma tarefa análoga se oferece à grande família universitária, herdeira do património cultural da humanidade. Para que se liberte de particularismos funestos, é necessário que multiplique os contactos entre mestres e estudantes de diversos países; que desenvolva, por meio do estudo das línguas e através de uma útil colaboração, o apreço pelas riquezas de cada um: é assim que os povos, em lugar de fazerem concorrência uns aos outros e de se oporem, tomarão gosto por mutuamente se completarem. Não podemos deixar de felicitar os movimentos da Pax Romana pelos seus pacientes esforços neste sentido e apreciamos, igualmente, que se desenvolva, no campo internacional, uma acção metódica ao serviço da ciência e da cultura.

(Do discurso de S. S. Pio XII aos Congressistas do Canadá, 12-8-1952)

Ao Serviço da Verdade

Esta campanha da verdade tem um sentido total. Envolve-nos por todos os lados e em todos os instantes da vida. Por isso, não é só a nossa actividade especificamente universitária que necessita de uma revisão. Soou a hora de aferir todas as palavras, todos os actos por que somos responsáveis. Se o testemunho que damos na vida de estudo fala, aos nossos companheiros e professores, da Verdade que, desde o Baptismo, trazemos em nós, alegremo-nos no Senhor! Mas cuidado, não vamos adormecer em relação a outros aspectos, em que podemos faltar gravemente à Verdade! Os exames e as notas não esgotam tudo, graças a Deus.

Temos todos uma vida de família. Melhor, temos todos uma família. E a preocupação de Verdade total na nossa vida impõe-nos que haja, nas grandes linhas que nos orientam e nas pequenas tarefas que aceitamos, um lugar para os cuidados grandes e pequenos, que exige uma «vida de família».

Devemos, neste ano, perguntar-nos, em que medida os múltiplos trabalhos que nos desviam de casa constituem um meio de enriquecer, através da nossa valorização, a comunidade familiar; ou em que medida servem de pretexto para nos «libertarmos» da família. Em que medida nos sentimos, e nos queremos, enraizadas numa tradição que havemos de transmitir, ou nos julgamos «auto-suficientes» para fundar uma nova família.

Sim, baseando-nos na abundante literatura que trata de Casamento e Educação, é relativamente fácil discorrer sobre a família ideal. Mas, «em verdade», pode esperar-se que, quem não encontra gosto nem oportunidade para atender os pais e irmãos, seja capaz de pôr a sua vida ao serviço do marido e dos filhos?

E depois falamos em Corpo Místico. Lemos S. Paulo. Meditamos S. João. Mas esquecemo-nos, ou achamos dispensável, o viver a Comunhão dos Santos na comunidade que temos mais próxima de nós...

O «ut unum sit» tem, sem dúvida, um sentido universal. Mas, efectivamente, só podemos realizá-lo com os que estão perto de nós. Também o amor de Deus é o primeiro dos mandamentos; mas S. João preveniu-nos: «O que não ama o seu irmão a quem vê, não pode amar Deus, a quem não vê».

Como seremos «um» com a multidão dos que não conhecemos, se nos mostrarmos incapazes de união com os poucos da família?

Exigências da Vocação Universitária



II — O AMOR DA VERDADE

O homem de hoje deixou por completo de amar a Verdade. A sua atitude psicológica em face dela é absolutamente paradoxal: ora num assomo de independência afirma a divinização da inteligência, ora descrê a tal ponto desta que aceita as verdades parcelares e mal documentadas que uma análise frouxa afirma terem o direito de existir.

O homem descrê na Verdade, do mistério. Melhor, são realidades de um outro mundo que o não interessam.

Fechado em si mesmo, debatendo-se no emaranhado da sua angústia, do seu desespero, o homem vive deliberadamente à margem do mistério que se esconde nos seres e nas relações entre eles. Apenas lhe interessa a sua existência. Daí, a descrença, a não aceitação axiomática da Verdade.

Neste ambiente geral de indiferença, aparece-nos o universitário como um consagrado à Verdade. E o universitário católico é-o a duplo título — **consagrado**, porque universitário: situou a sua vida e a sua vocação nos alicerces deslumbrantemente puros da Verdade; **consagrado**, porque baptizado. A Graça sacramental confere ao cristão um carácter de serviço da Verdade.

Abre-se, portanto, diante do universitário um caminho duro e áspero, para cuja escalada se exige autêntica personalidade de intelectual. Não basta um certo gosto mais ou menos dileitante de «saber coisas»; não basta um certo jeitinho para este ou aquele sector da actividade intelectual. É preciso um grande esforço de libertação das correntes exteriores; é preciso ter chama na alma; é preciso ter vocação.

Tal vocação não é paisagem de meias-tintas; exige uma doação total, para se poder traduzir em presença forte que na sua passagem deixa marcado um sulco profundo nas coisas e nas almas.

O amor da Verdade não se pode resumir a um platonismo romântico, de deslumbramento por uma qualquer verdade, por aqueles sentimentos vagos a que, muitas vezes (porque tememos as palavras fortes), chamamos «ideais». Pois se há uma verdade que é a Verdade, por que não falar dela assim? Para que mascará-la com palavras piegas? Na maior parte dos casos, tal cobardia em face da Verdade traduz a convicção de que há muitas verdades, de que cada um (desde que seja bem intencionado, leal, coerente) está de posse da verdade.

Tremendo erro esse, influência demasiado vincada de um libero-

lismo intelectual, de que o nosso pensamento está eivado. Vivemos respirando relativismo que tudo resolve a nosso contento, que sempre nos desculpa a incoerência, que nos embota a delicadeza de alma. A Verdade aparece assim minimizada, reduzida à craveira dos nossos «caminhozinhos» e às dimensões das nossas almas mediócras, satisfeitas de si mesmas, sem preocupações de grandeza nem de infinito. Daí, a timidez de muitas na defesa da Verdade, deixando-a colocar no mesmo plano das opiniões subjectivas e passageiras. A Verdade não é a nossa verdade pessoal (falível, portanto, eivada de tudo o que somos e carecendo para ser plenitude de tudo o que não somos). A Verdade ultrapassa-nos. Não somos nós a possuímos a Verdade; é a Verdade a possuir-nos a nós. Daí, o alargamento da nossa alma e a permanente infinitude da Verdade.

Para o universitário, a Verdade é a exigência fundamental da sua vida toda. É errada, qualquer tentativa de ascese que desconheça esta exigência.

O caminho da verdadeira ascese do universitário é o estudo.

O estudo tem um sentido de descoberta do eu, de entendimento do mundo e da realidade essencial e accidental das coisas; mas tem, também, um sentido penitencial, de mortificação.

Isto significa que a sabedoria para o universitário católico (sabedoria e não ciência mais ou menos dispersa) é sabedoria impregnada da loucura da Cruz. A sabedoria cristã é sabedoria crucificada.

Não há, para o universitário católico, qualquer possibilidade de fuga: o caminho é só um.

Quantas vezes nós enganamos a nós próprios, trocando o trabalho árduo, duro, à nossa mesa de estudo, por hipotéticas generosidades e aventuras quixotescas de heroísmos e ideais!

O erro está aí. De acordo com a nossa preguiça mental e a nossa febre doentia de actividades, invertemos a verdadeira escala dos valores. Esquecemo-nos dos valores essenciais e não hesitamos em trocar horas de estudo sério, aturado, no segredo da nossa solidão, onde podemos sempre trair sem que ninguém dê por isso (ninguém a não ser Ele), por mil pequenos trabalhos dispersos, sem continuidade, e onde seríamos substituídos com vantagem.

Se nós quiséssemos viver a sério a nossa missão de universitários, teríamos de mudar por completo os nossos hábitos. Não mais o papaguear semi-inconsciente de «sebentas»; não mais a atitude cômoda e irracional do «decorar sem perceber»; não mais levar a vida de estudo como uma tremenda maçada, dando o mínimo e exigindo o mínimo. Mas, sim, cultivar o gosto e alegria dos conhecimentos novos; abrir a alma ao sopro renovador e objectivo da Ciência; ter a curiosidade para procurar sempre mais além, investigar as relações profundas dos factos e dos seres, não se contentando, apenas, com as relações aparentes. É claro que se entende, aqui, investigação no sentido lato (e, como tal,

dever inerente a todo o universitário) de insatisfação e consequente aprofundamento das verdades parcelares que se encontram no dia-a-dia do estudo.

A plena satisfação do amor à Verdade é dada ao homem através da contemplação, em que, numa atitude aparentemente passiva, a alma contacta activamente com a própria realidade divina. É levada, assim, à presença do Absoluto. Desfazem-se as dúvidas, resolvem-se os problemas, aclara-se a explicação inteligível do Universo.

Tal estado de alma é o último ponto da experiência mística, dom gratuito de Deus. Até lá, exige-se e pede-se o nosso esforço na conquista dessa Verdade que não desdenha aparecer-nos latente nas coisas. Mas, para a entendermos, não podemos ficar no sector restrito de uma determinada ciência. Temos de ir mais além, reconhecendo o primado de uma das ciências sobre todas as outras, a que é mais altamente especulativa, mais desinteressada, simultaneamente mais simples e mais universal, a que estuda o fundamento essencial, o denominador de todos os fenómenos — o ser em si próprio. Donde se infere o vazio de uma Ciência que não mergulha as suas raízes na Filosofia e na Teologia.

É na trilogia Ciência-Filosofia-Teologia que o universitário pode sintetizar o seu amor à Verdade.

Será ainda o amor da Verdade a exigir-lhe uma presença consciente na cultura do seu tempo, a obrigá-lo a compreender as correntes de pensamento que constantemente se cruzam, chocam ou fundem, a levá-lo a superar a técnica e conferindo-lhe, no quadro dos valores espirituais, o lugar que lhe compete.

E tal presença consciente na especialização e na cultura ha-de traduzir-se naquela atitude interior a que se pode chamar «sentido contemplativo da Verdade» e que se revela numa capacidade de admiração e encantamento por toda a Criação, na descoberta sempre renovada do reflexo de Deus em todas as criaturas, na humildade perante o «mistério inexpugnável dos seres».

Esse sentido íntimo, profundo, da Verdade gera e aperfeiçoa o sentido do Belo e do Bem e torna-nos capazes de acusar vibrantemente as mais simples manifestações de Beleza autêntica, como nos faz rejeitar, quase automaticamente, certas manifestações duma beleza com laivos de burguesia e mediocridade.

Mas este amor da Verdade precisa de exercício: precisa que o sirva uma inteligência aguda, capaz de analisar com profundidade e realismo os problemas, e capaz também de tirar deles o essencial que a ajude a construir a síntese do pensamento; precisa de um juízo crítico que livremente se exerça e que prontamente rejeite o que não interessa; precisa de profundidade, de virilidade de ânimo.

Desconhece, portanto as transigências da superficialidade, os torpores da indiferença, o desencanto do cepticismo destruidor.

Exige que se ame o Absoluto e que se viva de Absoluto.

TU E O CONGRESSO

Carta aberta a todas as jucistas

A umas escassas semanas do Congresso, quero fazer-te uma pergunta para que possas responder com toda a sinceridade a ti mesma:

— COMO VAI A TUA PREPARAÇÃO PARA O CONGRESSO?

Possivelmente não estás muito satisfeita contigo, sentes que podias ter dado cem e, afinal, avaramente, só deste dez.

Talvez tenhas encolhido os ombros, indiferente, quando ouviste falar, as primeiras vezes, do Congresso e tenhas pensado lá muito no fundo que não era nada contigo...

Talvez tenhas sido daquelas que quiseram incarnar na J. U. C. F. o velho do Restelo: «Um Congresso, para quê? Se a gente não consegue endireitar o mundo...»

Talvez, ao princípio, te parecesse insensata a ideia. Ninguém se interessava construtivamente pelos problemas universitários; ninguém tinha preparação intelectual. E, depois, pensaste no teu dia já tão quadrículado em mil e um afazeres e reolveste a tua posição em face do Congresso, concluindo com toda a «lógica» que tal trabalho não era para ti...

E hoje, nesta Quaresma de 53, a preparares, talvez, a tua Comunhão Pascal, porque desceste um pouco dentro de ti mesma e meditaste no que o Senhor te pede, **TU VÊS** que não podes estar ociosa.

Vês que, também, é precisa a tua presença nesta fase de estudo intenso e de oração ainda mais intensa.

Vês que tu, **JUCISTA**, não podes deixar de estar presente à maior e mais importante de todas as nossas reuniões gerais.

Porque o Congresso é isso mesmo — uma grande Reunião geral.

Não é uma sucessão de lições com certa solenidade e imponência, em que se boceja e se olha para o relógio, aplaudindo circunspectamente no fim.

O Congresso é a grande obra da nossa juventude, testemunho público da nossa Fé e da nossa correspondência ao apelo do Santo Padre: «presença no pensamento — serviço da Igreja».



O Congresso é o resultado dos nossos esforços conjugados, intercâmbio de experiências vividas.

É verdadeiramente a obra de cada um de nós, **DO NOSSO ENTU-SIASMO, DO NOSSO ESTUDO, DA NOSSA ORAÇÃO...**

...DA NOSSA ORAÇÃO...

Não é rezares pelo Congresso, assim à maneira de oração pelos fiéis defuntos ou por qualquer intencãozinha dita sem fogo e sem amor. Não é repetires maquinalmente a oração do Congresso... Não.

É pores o Congresso na tua vida de oração.

Logo pela manhã na tua Missa. Que o Congresso vá contigo, intimamente misturado em ti, para a patena, ao Ofertório. Que a tua união ao Sacrifício reverta para o Congresso e quando o Senhor descer à tua alma confia-Lhe o Congresso para que Ele o abençoe e te ajude a vivê-lo.

Depois, pelo dia fora, naquele clima de silêncio interior e de união com Deus que deve ser a tua vida, tens muitas ocasiões de Lhe falares do Congresso.

Pede força e luz a todo o Corpo Místico. Maria, Mãe do Bom Conselho, purificará e encherá de amor o teu coração. S. Tomás de Aquino, patrono dos intelectuais, não deixará de abençoar o **TEU** Congresso.

E, à noite, quando fizeres o teu exame de consciência, logo a seguir ao teu dever de estado, interroga-te assim:

— Como vivi, **HOJE**, o **MEU** Congresso?

Se te situares com todo o amor perante Deus, carregada com o peso do Congresso, o fardo será suave, porque o Espírito Santo descerá sobre tí. Lembra-te dos Apóstolos. Tão humanamente insignificantes e tão capazes de grandes coisas... Porque cheios de amor. Deus não pede mais do que nós podemos dar; mas, o que temos, quere-o inteiramente e sem reservas.

Já reparaste como a nossa preparação para o Congresso se sincroniza com a liturgia da Igreja?

Antes do Aleluia vibrante da Páscoa, que trará toda a riqueza e alegria duma Mensagem Nova, a preparação penitencial da Quaresma; a oração e o sacrifício.

A oração insistente, confiante.

O sacrifício voluntariamente procurado e o sacrifício livremente aceite.

«...Quando o sacrifício sobe, a Graça desce profusamente em nossas almas...»

E é só de graça que nós precisamos. O resto vem por acréscimo.

...DO NOSSO ESTUDO...

Se o Congresso vai ser uma grande Reunião Geral, importa que tu vás suficientemente preparada.

Aproveita os elementos de estudo que te fornecemos (os temas de estudo, os esquemas das Reuniões Parciais, a Documentação Oficial que possui a tua chefe de equipa). Aí, encontrarás matéria para muito trabalho pessoal. Trabalho de reflexão, de assimilação.

E, quando chegarem os dias do Congresso, serás capaz de emitir ideias que nos enriqueçam a todos; estarás pronta a colaborar, sem «complexos» nem respeitos humanos.

Pessoalmente, terás a consciência de que te alargaste e te enriqueceste — e esse pode ser um dos maiores frutos do Congresso, apesar de não vir nas Actas nem nos Jornais. Pode ser... se tu quiseres.

Indicou-te a Comissão Executiva imensa bibliografia. Não te assustes com ela. Escolhe dois ou três livros, dos que te pareçam essenciais, para definires as grandes linhas da Universidade e para documentares a tua intervenção nas reuniões parciais, em que tomarás parte.

Compra esses livros ou revistas e medita-os a fundo.

Tens pouco dinheiro, talvez... Mas, por que não sacrificas duas idas ao cinema, uma merenda excessivamente requintada, tanta coisa supérflua que, se quiseres, poderás dispensar?

Tens pouco tempo, também... Mas tu bem sabes: há sempre tempo para aquilo que verdadeiramente se quer. E, se te interrogares bem, não encontrarás, em vez de autêntica falta de tempo, uma desoladora falta de ordem e de disciplina de ti mesma?

Sê coerente contigo própria. **COMO JUCISTA TENS OBRIGAÇÃO DE VIR AO CONGRESSO.** (E, a propósito, já te inscreveste? Não vês que o teu atraso complica extraordinariamente os trabalhos da Comissão Executiva)?

Mas que vens tu fazer, se não te preparas? Fazer número? Bem sabes que isso é secundário.

Aplana todas as dificuldades que possam impedir a tua vinda. Mas, por Deus to peço, vem conscientemente preparada. Senão, que será o nosso Congresso?... «aes sonans, cymbalum tinniens...».

Começa já, hoje. Verás como o estudo sério do tema do Congresso

te ajudará a descobrires horizontes novos e a compreenderes melhor a tua missão de universitária católica em face da missão da Universidade.

...DO NOSSO ENTUSIASMO...

Seria bem pouco católico e bem pouco universitário que os frutos da tua oração e do teu estudo os guardasses para ti.

Apóstola na Universidade, tens que irradiar à volta de ti.

Primeiro, na tua equipa de J.U.C.F., vai «puxando» sempre; sê tu a dar o tom, a entusiasmar. Leva esse entusiasmo para as reuniões gerais; não te limites a ouvir plácidamente os outros; **VIVE** os temas e, pelo teu entusiasmo contagiante, leva os outros a vivê-los, também.

E, à volta de ti, há as universitárias católicas não jucistas; há as indiferentes, as hesitantes, as inquietas. Com caridade e prudência, vê quais podem vir ao Congresso, para quantas o Congresso será um grito de alerta. Poderia dar-se o caso que o Senhor, quando vier, encontrando-as desocupadas, as ouvisse dizer: «...a nós, ninguém nos contratou...». E, então, quem será responsável?

Bem vês. Já não é a altura de indecisões. Aproxima-se a hora undécima. Decide-te, de uma vez para sempre.

O Senhor chama-te para uma empresa grandiosa.

Uma empresa que te exige esforço, sacrifício, vida.

Uma empresa, em que se faz apelo a toda a tua generosidade e a todo o teu entusiasmo.

Dá-te inteiramente, sem reticências nem má vontade.

O Senhor retribuirá cem por um.

Deixo-te **EM ORAÇÃO, EM ESTUDO, EM ENTUSIASMO.**

E agora, Irmã, até ao CONGRESSO!

ESTUDO — ORAÇÃO

Tens oferecido as tuas horas de estudo?

Tens entregue, pontualmente, os respectivos talões, à tua chefe de equipa?

«PAX ROMANA»

Uma Campanha Internacional

SEMANA DA PAX ROMANA

A Direcção Geral da Pax Romana lançou as bases de uma campanha internacional de propaganda e auxílio a este movimento.

Organizações universitárias de todo o mundo estão filiadas na Pax Romana, recebendo dela orientações e auxílio, que têm por fim facilitar a formação cultural e deontológica dos estudantes universitários, num sentido profundamente católico. Pax Romana procura, ainda, aperfeiçoar o sentido da responsabilidade do universitário dentro da grande comunidade constituída pelos estudantes de todas as nações; mais ainda, tenta orientar a sua vocação universitária e a sua futura vida profissional, no sentido de a irradiar pelos outros meios sociais.

Se a todo o membro de uma comunidade se impõe o dever de retribuição, como vamos nós, membros da Pax Romana, retribuir-lhe os seus inestimáveis serviços? Que vamos nós fazer para nos integrarmos em espírito neste movimento internacional de Estudantes Católicos, que por ventura só conhecemos de nome, ignorando, talvez, que pertencemos a ele, de facto?

A Semana da Pax Romana oferece-nos ocasião excelente de tomarmos conhecimento preciso deste nosso movimento e de o auxiliarmos com a nossa parte de sacrifício, de generosidade e de propaganda.

Durante a Semana de Campanha, procuremos, com a nossa presença e a nossa acção, retribuir, de algum modo, a Pax Romana o muito que ela já tem dado à J. U. C. F..

Reproduzimos as linhas gerais do programa da Semana da Pax Romana em Lisboa, que se realiza de 8 a 15 de Março:

- 1) Reuniões Gerais da J. U. C. e J. U. C. F. sobre Pax Romana.
- 2) Estudo da Pax Romana nas reuniões de equipa com orientações fornecidas pela D. G.
- 3) Propaganda da Pax Romana e das suas publicações nas vitrines.
- 4) Afixar cartazes e distribuir folhetos de propaganda.
- 5) Angariar assinaturas do jornal Pax Romana.
- 6) Um dia de renúncia a favor de Pax Romana.
- 7) Orações pela Pax Romana.
- 8) Obter amigos e benfeitores de Pax Romana.

Os amigos de Pax Romana pagam por assinatura do jornal 10 fr. suíços.

Os benfeitores oferecem de uma só vez 50\$00.

- 9) Sessão Solene no dia 8 de Março, à noite, no Conservatório.

SERVIÇO BIBLIOGRÁFICO



Continuando a organizar o nosso fichário, informamos-te de que possuímos já 448 fichas sobre os seguintes assuntos: Liturgia, Filosofia, Teologia, Estudos Bíblicos, Cristologia, Apostolado e Acção Católica, Formação Espiritual, Problemas Sociais, Literatura, Universidade, Medicina, Direito, Música, Educação, Arte, História, Cultura e Humanismo.

De cada ficha, faz parte, sempre que nos seja possível indicá-lo, o preço e local da venda, assim como uma breve apreciação crítica da obra.

Entretanto, a Direcção Geral está pronta a fornecer-te qualquer indicação bibliográfica que desejes.

LIVROS QUE VALE A PENA LER:

LE DÉPOUILLEMENT — Jacques Leclercq.

Para um cristão, vem sempre a propósito falar de penitência: discípulo de um Crucificado como é, ela constituirá, normalmente, o seu modo de imitar o Mestre. Mas especialmente no limiar da Quaresma, é oportuno lembrar este livro como um convite à acção: ou seja, a penitência e da mortificação. Repare-se na distinção feita: penitência e mortificação porque é exactamente a primeira, ou seja, a mortificação realizada com intenção expiatória, aquela que, geralmente, anda mais arredada da prática, até mesmo entre os cristãos que se adiantaram, um pouco, acima da média, no caminho da perfeição.

Confundindo ambas, corre-se, muita vez, o risco de esquecer o verdadeiro sentido da penitência, principalmente no que ela encerra de expiação dos pecados próprios.

Acautelando-nos contra as ciladas do optimismo dos nossos dias, no que se refere à natureza humana, este ensaio, sem cair nunca na excessiva austeridade de um jansenista, dá-nos a conhecer o que é, verdadeiramente, a ascese cristã: combate espiritual, que não visa a esterilizar as paixões humanas, mas a orientá-las, a purificá-las, de modo a realizar, através delas, a união com Deus.

«Le Dépouillement» traz o selo inconfundível dos grandes autores cristãos, que

está, afinal, na própria essência do Cristianismo: apresenta-nos verdades eternas que reluzem da frescura das coisas novas. Em cada capítulo, em cada página, levamos à descoberta maravilhosa da santidade, que exige a nova renovação da alma humana, o seu rejuvenescimento contínuo, sem o que toda a vida espiritual não irá além de esboço colorido.

NOEUD DE VIPÈRES — François Mauriac.

Quando, pela primeira vez, cabe a um escritor católico o mais alto galardão literário, seria estranho que nós, universitárias católicas, não registássemos com alegria o facto, e não mostrássemos interesse pela obra do romancista francês, que teve a honra de receber, este ano, o Prémio Nobel.

François Mauriac responde, assim, perante o mundo inteiro, ao chamamento da Igreja, que ordena aos seus filhos intelectuais o dever de estarem presentes na arena do pensamento contemporâneo. E não se pense que um grande livro recebeu, isolado, a consagração mundial. Não, Mauriac deve a vitória, toda a sua vasta obra, o que constitui mais um motivo de justo orgulho para a comunidade católica.

Quisemos, hoje, chamar a tua atenção para um dos muitos romances deste autor: «Noeud de Vipères», um livro, ao qual se poderia chamar, com justiça, «processo instaurado à mediocridade no Cristianismo», porque se trata de um verdadeiro libelo acusatório contra aqueles que, incapazes de transgredir a pragmática do culto, se deixaram, no entanto, impermeabilizar ao Evangelho de Cristo.

«Noeud de Vipères», exame de consciência atirado às almas entorpecidas, espelho onde se reflectem as mil e uma pequeninas traições quotidianas ao Ideal Cristão de vida, principia com estas palavras, de que nós deveríamos fazer tema de meditação: «Quantos de nós repelem, assim, o pecador, afastando-o de uma Verdade, que deixámos de irradiar!» «Noeud de Vipères» tem excelente tradução portuguesa publicada, há pouco, pela Colecção «Critério» da Livraria Cruz, de Braga.

O Apostolado Intelectual

MONS. EMÍLIO GUANO

Talvez a expressão «apostolado intelectual» nos deixe perplexos...

«Apostolado», grande palavra que define a vida dos primeiros apóstolos.

«Intelectual», palavra que pode ser algo de pretensioso.

A justaposição das duas palavras aumenta-nos a perplexidade. Não se trata de algo demasiado grande para a nossa inteligência e generosidade?

A palavra apostolado implica duas coisas:

— Um sentimento de comunicação, de serviço, de generosidade, trata-se de dar, de esquecer-se.

— Uma ideia, uma missão, ser enviado.

Os apóstolos foram chamados pelo Senhor. São Paulo é «vocatus Apostolus» — chamado para ser enviado, é esse o sentido literal da palavra «Apostolus».

Os Bispos prolongam a missão dos Apóstolos, devem pregar e continuar comunicando verdade e graça. Os Bispos têm auxiliares: os sacerdotes, para a pregação, etc. Bispos e sacerdotes chamam outros, em nome de Deus, para enviá-los como colaboradores desta missão. São os seculares. Todo o secular, pelo facto de ser baptizado, é um chamado, um enviado. Não é possível ter Cristo sem comunicá-lo. É pela caridade que contribuímos para a vinda do reino de Cristo. Pode haver, então, vocações particulares, uma missão particular. Deus chama, às vezes, uma alma para colaborar mais estreitamente com o clero e dá-lhe maior

soma de disponibilidade. É o chamado «apostolado dos leigos», que se diferencia do apostolado genérico de todo o cristão.

«Intelectual» refere-se à inteligência e à verdade. A inteligência é feita para a verdade, para conquistá-la, possuí-la e alegrar-se com ela. «Apostolado intelectual» pode significar:

- o apostolado sobre a inteligência;
- o apostolado pela inteligência;
- o apostolado entre os intelectuais;
- o apostolado feito pelos intelectuais.

Todas estas significações têm ligação entre si.

1 - Aspecto intelectual do apostolado:

Ponto de vista da nossa vida natural. Toda a missão implica um aspecto intelectual.

a) Primeiramente, *em ordem aos fins*, no que se quer comunicar: trata-se de dar, sobretudo, a verdade. Nem só de bens materiais vive o homem; mas, principalmente, de bens espirituais, da posse da realidade na verdade e no conhecimento. Em cada missão humana, há uma necessidade de fazer crescer o homem, e o homem é inteligência.

Toda a missão humana tende a enriquecer a personalidade pela posse da verdade, se bem que, no plano natural; tende a aumentar as possibilidades do homem, mediante o desabrochar da inteligência.

b) *Em ordem ao método*: podem-se fazer programas sociais que envolvam muitas coisas, mas é necessário que passem, sempre, pela inteligência: temos que fazer conhecer e despertar interesse pelo que se quer dar.

c) *A própria verdade é apostólica* — Impele à comunhão, dá uma missão.

Quando atingimos uma verdade, sentimos necessidade de falar dela e temos o dever de transmiti-la aos outros. Quem não obedece a esta missão, acaba amando menos a verdade, diminuindo até a sua própria força intelectual, sendo menos homem; tende, mesmo, a apagar a verdade que é a luz da realidade.

Ponto de vista sobrenatural:

Se tudo isto é verdadeiro no plano natural, com maior razão o é no plano sobrenatural.

a) *O fim*: O Verbo incarnou. Foi o primeiro Apóstolo, enviado pelo PAI para dar-se Ele mesmo. É a revelação do Pai, a Verdade. Cercou-se de discípulos e enviou apóstolos para continuar a sua missão. No *evangelho*, Nosso Senhor definiu a vida como o conhecimento de Deus, do Pai e de Cristo. A missão dos Apóstolos, da Igreja, é conduzir os homens à Verdade (a confissão, por exemplo, está ordenada para a verdade, pois faz brilhar a luz de Deus).

b) *O método cristão* é um método de verdade. A caridade exercida com espírito de apostolado (o qual não é, todavia, apostolado em sentido restrito) exige a posse de ideias, de clareza, em vista do fim proposto e dos meios cristãos que se têm de empregar.

c) A verdade sobrenatural possuída, a presença do Verbo de Deus na alma, é o que, sobretudo, impele à comunicação, o que envia. Como podemos conhecer a Deus Pai, a Cristo, sem sentir a necessidade de falar nisso, ou ao menos de facilitar o caminho da verdade às almas? O Baptismo pôs, na nossa alma, um impulso para a verdade, que deve comunicar-se. Que causa maior, para o homem,

do que o conhecimento de Deus? É a sua vida. E não se trata, somente, de um conhecimento intelectual, de uma curiosidade superficial, mas de uma posse total, com a ajuda da graça. O denominador comum de todos os santos é terem aceitado o conhecimento de Deus e a sua experiência na vida mística.

II — Apostolado dos Intelectuais. Por e para Intelectuais:

a) *Os intelectuais e a sua missão.*

É possível que a palavra intelectual nos desagrade, por vermos nela algo que saiba a orgulho. Existem, porém, de facto, «intelectuais»; maneiras de ver, marcadamente intelectuais.

Há uma categoria de inteligência, na qual não existe nenhuma diferença entre o intelectual, o trabalhador e o operário: é a capacidade de conhecer o que alguém é, na sua posição metafísica e a sua condição diante de Deus, ou seja a capacidade de conhecer a Deus no plano natural e, com a graça, conhecê-lo sobrenaturalmente. Verificamos, às vezes, que há pessoas analfabetas, mas que possuem um bom senso maravilhoso e uma aguda compreensão da realidade. Neste sentido, de resto fundamental, somos todos iguais.

Há, porém, uma inteligência mais discursiva e mais reflexiva (ou um aspecto da inteligência), pela qual possuímos mais sistematicamente os instrumentos e os métodos da cultura e da técnica. Nesse sentido, existem homens mais dotados ou mais treinados, que são chamados a exercer melhor essa inteligência: são os «intelectuais».

Eles têm uma missão para consigo mesmos, a fim de poderem gozar dos dons de Deus; mas têm, sobretudo, uma missão para com os outros, na comunidade. E não se trata só do médico, do engenheiro, etc. Também o investigador, o sábio, desempenham uma missão social. Todos trabalham ou desempenham o papel de trabalhadores para com os outros, seja no domínio da sua tarefa profissional específica, como profissionais desta ou daquela situação. Podem sofrer a fascinação do in-

profissão, seja na comunidade em geral como intelectuais.

b) *Tentações.* Os intelectuais estão sujeitos a tentações provenientes da sua po-tectualismo, do cerebralismo, da presunção e perderem o contacto com a vida integral. Podem ser tentados a julgar das coisas só com os seus próprios métodos; a não verem que o processo parcial está integrado no total. Existe, finalmente, a tentação do verbalismo que empobrece o conteúdo das palavras e da inteligência. Há, também, a tentação da indolência. O intelectual esquece, então, que possui algo que deve dar, o mais precioso que possui. Essa indolência afirma-se, primeiro, no apostolado exterior, mas também no trabalho intelectual. Existe, ainda, a tentação da desconfiança, com respeito à inteligência e à verdade. O sábio, que deixa de investigar, perde a confiança na verdade. Talvez, porque começou pecando por excesso de confiança, por presunção, por preguiça, não dando aos outros, o sábio acaba por duvidar de si mesmo, dispersando a inteligência.

c) *O apostolado do intelectual.*

Ele aprendeu coisas, de que deve servir-se; este é o sentido mais geral do seu apostolado. Mas, mesmo fora da sua especialidade, deve facilitar o conhecimento da vida humana, da vida comunitária, social, política; deve ajudar os seus irmãos a colocarem-se na vida da comunidade. Este é o ponto de encontro da hierarquia eclesiástica e seus representantes (os teólogos), com os sábios das ciências humanas. Deste modo, os homens verão entrar, sem ser traída, a verdade, na sua maneira de viver e de sentir. O intelectual tem, também, a tarefa, talvez mais importante, de ajudar os seus irmãos a utilizarem-se dos instrumentos que servem para conquistar a verdade. Deve auxiliar os seus irmãos a abrirem-se, cada dia mais, para a presença de Deus, para a sua Revelação. O intelectual deve cooperar na apresentação das doutrinas cristãs, pois esta não é tarefa exclusiva dos sacerdotes. É bom que o intelectual esteja, sempre,

disponível com todos os seus meios próprios, ao serviço da caridade.

O intelectual exerce a sua missão no meio social em geral e no seu próprio meio. Trata-se de reconstruir um clima que deve estar impregnado de ideias cristãs. Também os intelectuais possuem uma alma para salvar e necessitam de ser ajudados no caminho do conhecimento e do amor de Deus. Será preciso sublinhar a importância particular do meio universitário e intelectual, em que trabalhamos, mais para amanhã do que para hoje? Trata-se de um meio, em que deparamos com muita gente que deseja a verdade, que precisa de ser convidada; mais ainda, de ser guiada e ver aberta a sua inteligência para a graça e para a revelação de Deus.

III— *Preparação para este apostolado*

É preciso que a nossa alma se desenven-cilhe de tudo quanto serve de obstáculo à verdade ou nos entrava a palavra; o erro, o pecado, que impedem a verdade de estar em nós e nos impossibilitam de falar aos outros.

Frequentemente, achamo-nos mal dispostos, indolentes, sem saber encontrar as palavras simples, adequadas, verdadeiras.

Devemos habituar-nos à reflexão, ao exercício da inteligência.

Devemos pensar por nós mesmos; conhecer as grandes ideias da metafísica, da teologia; temos de nos situarmos na história, mediante o conhecimento da posição concreta do mundo actual; temos de conhecer a doutrina da nossa profissão.

Devemos levar avante esta preparação numa vida integral, que não seja somente intelectualista, mas dominada, também, por uma caridade que informe toda a vida, que se preocupe com a situação dos nossos irmãos neste mundo, que arraste para as obras e que encontre o seu alimento, no contacto com Deus, pela oração.

(Conferência pronunciada por ocasião da «SEMANA DE ESTUDOS DE FÁTIMA» promovida por «PAX ROMANA».)

OS QUE SOFREM A PERSEGUIÇÃO

POR AMOR DA JUSTIÇA

— 15 por cento dos católicos da Europa são perseguidos. Uma coisa, no entanto, é certa: os ditadores passam; Deus permanece.

— Cerca de 80 milhões de crianças, com menos de 14 anos, são educadas no ateísmo materialista e no ódio à Igreja.

— Acerca do sinistro processo espectacular da Bulgária, em Outubro passado, onde Sua Ex.^a Mons. Bossilkove e 3 padres foram condenados à morte, por fuzilamento, o Rev. P. Gabel escreveu: «A leitura da lista dos mártires de Lião às Igrejas da Ásia, faz-nos admirar a coragem de uns, a compreensão de outros, a solidariedade de todos. Hoje os jornais transmitem estes acontecimentos ao mundo, como «factos do dia», e talvez nós os tomemos da mesma maneira. **Esquecemo-nos de que irmãos nossos são perseguidos e morrem...**»

— Na Polónia, a última manobra de grande envergadura lançada contra a Igreja foi a clausura inesperada de 59 pequenos seminários e a expulsão de 10.000 seminaristas. 56 destas casas pertenciam a ordens religiosas.

Não é verdade, que deixamos de ser dignos do nome de «Católicos» — se ainda encontramos modo de viver confortavelmente no pequeno domínio fechado do nosso EGCUMENISMO, enquanto milhões de cristãos são obrigados ao heroísmo ou ao desespero?

— Se não nos empenhamos em assistir com frequência — diária-mente se possível —, ao **Santo Sacrifício da Missa** e de **aí Comungar**, quando centenas e milhares de almas, nos campos e prisões, sofrem cruelmente de serem privadas de todo o socorro espiritual e contam connosco?

— Se, no esquecimento da grande solidariedade cristã, **conseguimos dormir** tranquilamente sem, ao longo do dia, termos **rezado** pelos perseguidos e seus perseguidores; sem termos **oferecido**, para aguentar os nossos irmãos — corajosos ou vacilantes — uma pobre «ninharia», este sacrifício — quase ridículo — de um dos nossos caprichos: uma guloseima, uma vaidade, um cinema, uma atitude confortável, uma cobardia perante o dever?

Andamos talvez, pouco ao corrente do que se passa; mas desejamos verdadeiramente está-lo, com a mesma solicitude que levava os primeiros cristãos — que não tinham jornais, nem rádios — a indagar, junto dos mensageiros, dos seus **irmãos** e **irmãs**, presos ou levados ao martírio?

Temos tantas maneiras de saber o que se passa com eles, com os nossos irmãos perseguidos! A questão é querermos.

AS REUNIÕES DE EQUIPA:

1.ª REUNIÃO:

I — Oração jucista — pelas colegas que ainda não juceram o preceito pascal.

II — Avisos.

III — 4.º Domingo da Quaresma — dia 15 de Março.

Domingo da alegria — «Laetare» — pela vitória de Cristo na cruz, em Jerusalém, e pela lembrança da Jerusalém celeste. A Igreja enche-nos de alegria e de esperança, para nos incitar a perseverar na luta até à Páscoa.

Morrendo ao pecado, na Quaresma, temos de ressuscitar pelos sacramentos, na Páscoa.

MEDITAÇÃO:

Ele...: «Sabia o que havia de fazer».

nós...: «que é isto para tanta gente?»

Ele...: «tomou então os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os...»

nós...: um acto de Fé; mas uma esperança fugaz:

«Este é verdadeiramente o profeta que há-de vir a este mundo. Jesus fugiu, outra vez, para o monte, só» (Ev. João 6, 1-15).

Alegria-Esperança-Confiança

«Os que confiam no Senhor permanecerão» (Ps. 124, 1-2).

«Louvai o Senhor, porque o Senhor é bom; cantai salmos ao Seu nome, porque é suave. Tudo o que quis, fez no Céu e na Terra» (Ps. 134, 3-6).

«Alegrei-me, quando me disseram: irmãos para a casa do Senhor» (121, 1).

«O que habita em Jerusalém, não será jamais abalado... O Senhor protege o Seu povo» (Ps. 124, 1-2).

«Jerusalém é edificada como uma cidade, cujas partes são unidas e ligadas entre si» (121, 3-6).

«Alegrai-vos, com Jerusalém: exultai nela todos vós os que a amais: regozijai-vos, todos os que estivestes tristes: para que vos alegreis e fiqueis saciados...» (Isaías 66,10-11).

IV — Campanha Pascal: Preparação pessoal.

Penetração do meio pelos membros da equipa.

2.ª REUNIÃO:

I — Oração jucista — pelo real aproveitamento das férias, em ordem à preparação do Congresso.

II — Avisos.

III — Domingo de Ramos — dia 29 de Março.

«Se o deixarmos andar livremente, todos acreditarão n'Ele».

(*Resp. da Bênção dos Ramos*)

«Meu Pai, se é possível afastai de mim este cálice...; contudo, faça-se a Vossa Vontade».

(*Resp. da Bênção dos Ramos*)

«Vigiai e orai para não cairdes em tentação».

(*Resp. da Bênção dos Ramos*)

«...caminheemos ao encontro de Cristo pelas nossas boas obras».

(*Or. da Bênção dos Ramos*)

«Os ramos de palmeira significam a vitória que ia lançar sobre o príncipe da morte, e os de oliveira publicavam, de certo modo, a união espiritual que ia ser espalhada».

(*Or. da Bênção dos Ramos*)

«...Ele triunfaria pela Sua própria morte».

(*Or. da Bênção dos Ramos*)

«Nós Vos pedimos, Pai Onnipotente, pelo mesmo Senhor Nosso Jesus Cristo, de quem houvestes por bem fazer-nos membros, que triunfemos, n'Ele e por Ele, do império da morte e sejamos dignos de participar da sua gloriosa ressurreição».

(*Or. da Bênção dos Ramos*)

«Unamo-nos aos Anjos e aos meninos e aclamemos o triunfador da morte, dizendo: Bendito o que vem em nome do Senhor! Hossana, no alto dos Céus!»

(*Ant. da Procissão dos Ramos*)

«Humilhou-se a si próprio, obedecendo até à morte, e morte de Cruz».

(*Ep. da Missa dos Ramos*)

«Estive quase a cair, pois eu olhava com indignação para os ímpios, vendo a paz que gozavam os pecadores».

(*Gr. da Missa dos Ramos*)

«O meu tempo está próximo; quero ce-

lebrar a Páscoa com os discípulos em tua casa.»

(Trato da Missa dos Ramos)

«...Jesus tomou o pão, benzeu-o, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: Tomai e comei: Isto é o Meu Corpo. E, segurando o cálice, deu graças, benzeu-o e entregou-lho dizendo: Bebei dele vós todos. Pois este é o cálice do meu Sangue, o sangue do Novo Testamento, que será derramado por muitos para remissão dos pecados.»

(Nar. da Paixão, na Missa dos Ramos)

Jesus, dirigindo-se a Judas, no momento da traição:

«Amigo, a que vieste?» (ibidem).

«Procurei quem se compadecesse de mim e não apareceu ninguém; procurei quem me consolasse e não achei ninguém!»

(Of. da Missa dos Ramos)

«...Realmente, este era o Filho de Deus.»

(Nar. da Paixão, na Missa dos Ramos)

IV — Fim do Período: Balanço do trabalho da equipa.

União da equipa em férias.

Preparação do Congresso.

3.ª REUNIÃO:

I — Oração ao Congresso pelo Congresso.

II — Avisos.

III — Meditação.

A renovação da Universidade exige a renovação de cada uma de nós e um esforço aturado para a renovação de todas as mentalidades. Um trabalho obscuro...

«Ó Deus que pela humildade do vosso Filho erguestes o mundo decaído, concedei aos vossos fiéis uma alegria constante.»

«...uma alegria constante», alimentada, de longe, pelo trabalho e pela esperança; que não seja improvisada para o êxito do Congresso; que não se desfaça como bola de sabão; que resista a dissabores, trabalhos, sacrifícios...

O Congresso vai ser «um caso» na vida universitária. Cada uma de nós tem que estar segura dele, integrada no pensamento da Igreja sobre a Universidade, pronta a responder por ele, cá fora, com desassombro, como quem confessa o próprio Cristo.

«Creram nele; mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga.»

Durante estes dias, é mais viva a exigência de dar testemunho de Cristo.

«O Espírito da Verdade, que procede do Pai, dará testemunho de mim e vós, também, dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio.»

Um testemunho humilde e verdadeiro, um sacrifício de nós próprias à «missão de luz e amor», a que Cristo — o enviado do Pai — nos enviou.

«O que crê em mim, não crê em mim, mas naquele que me enviou. Eu vim ao mundo, como uma luz, para que todo o que crê em mim não fique nas trevas... não falei de mim mesmo, mas o Pai, que me enviou. Ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar... as coisas, pois, que eu digo, digo-as como o Pai me disse.»

Somos chamadas a trazer o pensamento de Cristo ao pensamento contemporâneo e à Universidade.

«Aquele que retém os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e me manifestarei a ele.»

Amor de Deus para O conhecermos: conhecimento de Deus para O amarmos, como Ele nos ama.

Como Ele nos conhece: «...conheço as minhas ovelhas».

Conhecimento efectivo, actual, profundo, pormenorizado e claro.

Conhecimento individual, objectivo, livre de qualquer egoísmo.

Um conhecimento que é amor envolvente.

Conhece-nos melhor que todas, melhor que nós próprias.

Imperativo de Verdade que daí deriva. Diante de Deus, que vê e ama, como mentir ou faltar? Rectidão de consciência.

«...E as que são minhas conhecem-me.»

Ser possuída por Ele, condição necessária para O penetrar e conhecer. O dom de nós mesmas faz que Deus se nos revele.

A nossa missão é, realmente, missão de luz e amor.

«Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco.»

E, se dermos testemunho, numa vida verdadeira de amor de Deus, elas «ouvirão a minha voz».

IV — CONGRESSO

4.º REUNIÃO:

I — Oração do Congresso — ainda pelo Congresso.

II — Avisos.

III — S. Filipe e S. Tiago (dia 1).

Ver o Evangelho da Missa (S. João 14, 1-3).

«Para que, onde eu estiver, estejais vós também.»

— A nossa adesão a tudo o que traga reflexos de Cristo; o nosso interesse e

participação em todos os movimentos da Igreja; a atracção do divino; o gosto pelo sobrenatural.

— E que possamos dizer: onde estiver eu, que esteja Ele. Ser outro Cristo.

«Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.»

«Aquele que crer em mim também fará as obras que eu faço e fará ainda maiores, porque eu vou para o Pai.»

Não temos medo do que possa sair das nossas mãos. Ter a coragem de nos deixarmos exceder pelas «nossas» acções. Ter Fé.

IV — Projecção do Congresso na nossa vida.

Inserção do Congresso no meio universitário.

Notícias do Mundo inteiro

Fundação Cuidar o Futuro

BRASIL — O filósofo Jolivet e a sinceridade:

O filósofo Mons. Régis Jolivet, Director da Faculdade Católica de Filosofia de Lyon, que acaba de fazer, na Pontifícia Universidade Católica, várias conferências sobre o existencialismo, deixou-nos com a sua palavra, e principalmente com a sua presença, lições plenas de vitalidade cristã.

Numa das suas conversações feitas de manhã, em que atendia a curiosidade dos seus ouvintes, deu um rápido resumo da sua obra: «Essai sur le problème et les conditions de la sincerité». Impressionou-nos de tal maneira, esse ensaio, que lhe pedimos, no dia seguinte, para falar sobre ele.

Trata-se de resolver o problema e as condições da sinceridade, isto é, o modo de nos conhecermos a nós mesmos e aos outros; o modo de comunicarmos conosco e com os outros. Ao contrário de Sartre, que resolve o problema da nossa

comunicação com os outros através do conflito, Jolivet traz-nos a solução de amizade, da sinceridade, da capacidade de ouvir.

E como chegar à transparência, à sinceridade?

Pela união com Deus, responde Jolivet.

Só através dessa união é que conseguiremos ser unos em tudo: o nosso agir, as nossas palavras, os nossos gestos, serão o reflexo do nosso pensamento. Seremos «um só» para todos, isto é, para os outros e para nós.

O que mais nos impressionou, contudo, não foi a palavra repleta de sabedoria de Mons. Jolivet, mas o seu modo de tratar com as pessoas. Ele vive o que pensa, e foi a sua vida a maior e melhor mensagem que nos trouxe: as nossas relações com os outros devem ser racionais; é preciso ver noutrem uma pessoa, não uma coisa, um número; pessoa que traz em si uma característica própria, uma subjectividade que é necessário compreender.

ITÁLIA — (Do discurso de S. Santidade Pio XII aos homens da A.C.-12-X-1952)

«Hoje, dirigimo-nos àqueles que, padres ou leigos, pregadores, oradores ou escritores, não têm uma palavra de aprovação (ou de louvor) para a virgindade consagrada a Cristo; que, há anos, apesar das recomendações da Igreja e contra o seu pensamento, dão ao casamento uma preferência de princípio sobre a virgindade; que vão mesmo ao ponto de o apresentarem como o único meio capaz de assegurar à personalidade humana o seu desenvolvimento e a sua perfeição natural.»

Aqueles que assim falam e escrevem, tomem consciência da sua responsabilidade perante Deus e a Igreja.

É preciso pô-los no número dos principais culpados de um facto, do qual não podemos falar sem tristeza: enquanto no mundo cristão e por toda a parte, chovem, hoje, mais do que nunca, os pedidos de Religiosas Católicas, estas vêm-se, não sem tristeza, forçadas a não os atender; por vezes, são mesmo obrigadas a abandonar obras antigas, hospitais e estabelecimentos de ensino. E tudo isto, porque as vocações não chegam para as necessidades.»

AMÉRICA: (Da declaração de S. Santidade Pio XII ao Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, 18-VI-1952).

Necessidade da hora actual:

Fala-se tanto da cultura europeia que é preciso salvar... ou criar para a Europa unida do futuro. É preciso que nos penetremos do seguinte: esta cultura europeia ou será autenticamente cristã e católica, ou então será consumada pelo fogo devastador daquela outra cultura materialista, para a qual só conta a massa e a força física.

«O cristão, o católico, não é medroso. A sua fé torna-o confiante. Vós também o deveis ser. Tendes convosco a sã natureza humana e a graça divina. Construindo sobre elas, podereis pô-los ao trabalho, com todos os recursos das vossas forças, para dar a Cristo e à Igreja mulheres crentes e fortes que estejam atentas aos problemas do mundo actual e à altura das exigências da época, mas que sejam, também, capazes de ir contra a corrente, dispostas ao sacrifício, onde os mandamentos de Deus e a consciência falam, claramente, sem subterfúgios.»

Fundação Cuidar o Futuro



Chamar luz à verdade, não é uma simples comparação; é um símbolo cheio de ensinamentos. Se a luz é suave para os olhos, a verdade é grata aos espíritos. Uma e outra dão aos objectos as formas e proporções exactas, fazem-nos apreender as suas relações. Ambas têm uma origem longínqua, num sol que é nascente inescotável, pois Deus é a «Verdade». Na obscuridade, não seríamos capazes de nos mover, nem de encontrar o caminho, nem de gozar a beleza. Tudo o que amamos, está iluminado; a sombra é o domínio do temor, da melancolia e do pecado. Se um místico, como S. João da Cruz, cantou a noite obscura, é porque essa noite dos sentidos e do espírito não é uma noite verdadeira, mas a aurora de um dia eterno.

Madeleine Daniélou

FOLHA DA JUCISTA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90-r/c D. - Lisboa

Comp. e imp. na Tip. das Oficinas de S. José

Com aprovação Eclesiástica

PREÇO 1\$50